

Espaço Aberto

Por André Tadao Kameda

Sobre vida na cidade grande

... e são tantos os desencontros, os desentendidos, o dito pelo não dito, que às vezes penso por mais quanto tempo vai ser possível viver nesta metrópole desvairada. Penso especialmente na megalomania, no gigantismo, no modo de levar a vida: tudo leva a crer que as coisas estão estruturadas de modo a não ser possível uma convivência saudável entre os co-habitantes da dita cidade grande. Então vão se criando a desconfiança e o medo do próximo, cultiva-se a intolerância, e não dá nem para parar e pensar se isso está mesmo correto; vai-se vivendo.

Não falo somente do senhor mal-ajambrado do lotação que senta sempre no mesmo banco e com quem você nunca trocou palavra; nem da mulher que passa correndo na rua todos os dias, talvez atrasada para o trabalho; também não me refiro ao homem-estátua, parado todos os dias no viaduto do Chá, a quem você sempre teve vontade de perguntar se ganha a vida só com as gorjetas de seu exótico ofício.

Falo principalmente da vida em comunidade, das pessoas com quem se escolhe conviver. Vou tentar resumir o que penso: seus amigos têm outros amigos, a quem eles também precisam ver de vez em quando. Somem-se a isso o trabalho, a família, a namorada, o futebol da semana, os



projetos (esta cidade vive de projetos; não sei se isso é bom ou ruim - é apenas uma constatação). Até daria pra fazer tudo isso, não fosse o trânsito, o precário transporte público, e mesmo o gigantismo da metrópole. Tempo e espaço são variantes que definitivamente não se equacionam em São Paulo.

Mas é em meio a esse cenário de terra arrasada que a humanidade deve se afirmar. Não aceitar tudo isso e nadar contra a corrente. Já que as utopias morreram e o que se vislumbra é somente um horizonte nebuloso, temos de procurar viver o dia-a-dia baseados em princípios que parecem estar sumindo: a compreensão, o afeto, a preocupação com o outro. Reatar os laços que a cidade desamarra; fazer os remendos no grande tecido tramado entre as pessoas, que se esgarça todo dia, e a cada dia mais.

Isso me faz lembrar um episódio, que devo ter lido em algum livro. Aconteceu na ilha italiana da Sicília, onde o sol bate forte o ano inteiro e a pobreza sempre foi muito presente. Corria o ano de 1282 e os sicilianos, há séculos vivendo sob a opressão de estrangeiros, ficaram sabendo que um soldado francês violentara a filha de uma camponesa. A notícia correu as vielas e todo francês encontrado na rua era morto pelo povo ilhéu. A mãe da menina saiu correndo às ruas gritando angustiadamente: ma fia, ma fia. Dizem os historiadores locais que daí se originou a palavra máfia.

O fato é que o povo se cansou da exploração e resolveu se unir contra o jugo estrangeiro. Os franceses foram expulsos da ilha e formou-se uma ética interna de união. A partir de então, os sicilianos passaram a se ajudar uns aos outros, e os grupos que se formaram foram o embrião do que hoje chamamos de organizações mafiosas.

Não digo que grupos de amigos devam formar a sua própria máfia e sair por aí afrontando os poderes constituídos, sejam eles justos ou não; nem quero fazer a apologia do crime. Mas podemos olhar para dentro dessas organizações e observar alguns - repito, alguns - aspectos que as fizeram sobreviver em meio a uma sociedade nem sempre justa. O apoio a cada membro do grupo, a ajuda mútua e a honra são valores que esses grupos cultivavam e para os quais podemos prestar mais atenção nesses tempos em que vivemos.

Por falar em valores que surgem em meio a crises, há um livro do cronista Rubem Braga em que ele conta a sua saga de correspondente na Itália, onde foi cobrir a 2ª Guerra Mundial ao lado dos pracinhas brasileiros. Nesse livro, chamado *Crônicas da guerra: com a FEB na Itália*, o maior cronista brasileiro reproduz as histórias dos pracinhas que foram lutar com os Aliados, muitos dos quais sem saber direito o que estavam fazendo lá.

São histórias comoventes, que mostram a guerra pelo ponto de vista de quem esteve nos campos de batalha. Na leitura, não vemos número de mortes, quantidade de armamentos, capacidade logística dos exércitos ou estratégias de combate; pelo contrário, vamos conhecendo a história de cada um daqueles soldados, como viviam nos acampamentos, as atividades nas horas vagas, as saudades dos familiares, o que faziam antes de ir para a guerra.

São fios de existência em meio a tantas mortes, é a vida resistindo apesar de tudo. O certo é que esses momentos de crise - e a guerra é a crise levada às últimas conseqüências - nos obrigam a parar e refletir sobre as coisas. O primeiro passo para que a mudança comece.